O ESTADO DE S. PAULO

D1

CADERNO 2

ESPECIAL ★ DOMINGO

ANO IX NÚMERO 3.136 □ DOMINGO, 10 DE SETEMBRO DE 1995

Francis fala de racismo e crimes de guerra. Pág. D13

Verissimo conta a história de um vizinho. Pág. D7

O QUE NÃO SABEMOS

A revista francesa "L'Express" convidou 16 sábios para, nas mais variadas áreas do conhecimento humano, responder à seguinte questão: o que não sabemos? O resultado foi um conjunto de artigos brilhantes, que, longe de fornecer ocasião para uma espécie de festa da ignorância, pintou o cenário perfeito para uma celebração do saber. O "Caderno 2 Especial" reproduz esses artigos e conclui que existe um movimento contínuo e incansável da ignorância para o conhecimento

JEAN D'ORMESSON

Já é arriscado falar sobre o que se sabe. Desde a interrogação socrática até Jean Gabin, que canta *Je sais que je ne sais rien* (Sei que não sei nada), passando pela dúvida metódica de Descartes e por Montaigne e sua célebre frase *Que sais-je?* (Que sei eu?), uma longa tradição lança sobre o saber uma sombra de suspeita. Que dizer a respeito do que não se sabe? Nada, naturalmente. Não é preciso nem mesmo falar sobre isso. "É preciso calar a respeito daquilo que não se pode falar", afirma, numa célebre fórmula, o filósofo austríaco Wittgenstein. Parece que a gaveta do que não se sabe deva ser trancada novamente antes mesmo de ser aberta. É impossível fazer qualquer registro.

Contudo, desde seus inícios, a aventura humana não foi outra coisa senão um progresso do saber e uma invasão incansável do que não se sabe por aquilo que se sabe. O que é que distingue Lucy e nossos longínquos ancestrais da África Oriental do *Homo sapiens sapiens* e de seu orgulhoso balbúcio a não ser uma acumulação contínua de saber? À maneira da conquista dos polders sobre o mar nos Países Baixos, o saber é conquistado sobre o não-saber. A marcha da história se confunde com uma lenta vitória — que jamais terminou — do que já se sabe sobre o que ainda não se sabe.

A palavra decisiva nesta aventura é a palavra *ainda*. O que hoje ainda não se sabe, se saberá amanhã. Existe um movimento contínuo e incansável da ignorância para o conhecimento. O que não se sabe cessa de ser um nada obscuro e vazio no momento em que é colocado em relação com o que já se sabe e com o que se busca. É possível falar a respeito do que não se sabe, por que a pergunta "o que é que não se sabe?" está inteiramente do lado da pesquisa — isto é, não do lado da ignorância, mas do lado do saber. É uma batalha de fronteiras. O saber e o não-saber se atraem, magnetizam-se mutuamente e a ignorância, em todas as frentes, não cessa de recuar diante do progresso do saber.

A questão assim colocada é, por excelência, interdisciplinar e transdisciplinar: da Aids à astrofísica, da pré-história à arqueologia ou à economia política, o processo está em curso em todos os setores do saber. "O que é que não se sabe?" é o tipo de interrogação que atinge indiretamente todos os domínios da ciência. Na minha opinião, é por isso que Federico Mayor, diretor geral da Unesco, escolheu esta pergunta. Ele atendeu a sugestão de Ayyam Wassef, que está na origem do projeto, para tema de seus Encontros Filosóficos da Unesco, que se realizaram recentemente, com grande sucesso, na Praça de Fontenoy, em Paris. Sob a direção de Judith Schlangwer, professora da Universidade Hebraica de Jerusalém, a revista *Diogène*, que tem versões paralelas em diversas línguas, publicou sobre este tema um número especial. A editora Gallimard lhe consagrou um volume de sua coleção *Découvertes*, a ser lançada no final do ano. As academias de Bourdeaux, de Toulouse, de Montpellier, de Aix-Marseille, de Nice, acabam de propor aos candidatos ao bacharelado de filosofia uma pergunta que resulta com toda a evidência deste mesmo problema: "Existe um intermediário entre o saber e o ignorar?" Como tratar desse assunto? Talvez, por exemplo (e não se desesperem os candidatos que escolheram outro itinerário), partindo de Platão e de Montaigne, que, cada qual à sua maneira, lançam uma ponte entre os dois continentes isolados do saber e do não-saber. Platão, sustentando que o que não se sabe, na realidade, já se sabe e confiando à "maiêutica" o cuidado de fazer o discípulo perdido dar à luz a verdade esquecida. Montaigne, garantindo que o que já se sabe não se sabe muito bem — ou talvez não se sabe absolutamente. Restabelecida assim paradoxalmente a circulação entre um saber e uma ignorância, menos distantes entre si que se poderia crer, a ciência, a bordo do frágil e possante barco da pesquisa, sempre açoitado pelas ondas, progride, a meio caminho entre as terras conquistadas do saber e a "terra incógnita" da ignorância, sobre as águas intermediárias do que ainda não se sabe. E, na Grã-Bretanha, no Canadá, nos Estados Unidos, no Brasil, um pouco em toda a parte no mundo, pesquisadores e jornalistas manifestam curiosidade e interesse por este exercício filosófico que ultrapassa a filosofia.

> EM TODOS OS CAMPOS, A IGNORÂNCIA NÃO CESSA DE RECUAR DIANTE DO PROGRESSO DO SABER

Ele a ultrapassa por todos os lados. Como ultrapassa também a ciência. O detetive em busca de indícios, o ciumento, que arde de vontade de conhecer como o objeto de sua paixão e de suas suspeitas emprega o tempo, ilustram à sua maneira a familiaridade com aquilo que não se sabe. Como o biólogo e o físico nuclear, cada um de nós vive permanentemente em contato com o que ignora e está sempre preocupado com isso.

O saber dos homens não cessa de crescer jamais. Sabemos mais sobre quase tudo — não sobre tudo, sem dúvida, porque ainda há técnicas e comportamentos que se esquecem, mas sobre quase tudo — que nossos bisavós, que sabiam mais sobre o Universo que os humanistas da Renascença, que por sua vez sabiam mais que os juristas romanos ou os geômetras gregos. Mas o mais interessante é que o que não se sabe se abstém cuidadosamente de diminuir à medida em que incha a massa do que se sabe. Por um mecanismo digno de interesse, o que continua oculto a nossos olhos cresce ao mesmo tempo em que aumenta o que é posto à luz do dia. Quanto mais se sabe das coisas, mais se ignora. Poderia dizer-se que o saber não pára de levantar questões ainda não resolvidas e de gerar a ignorância.

Existe todo um setor do que não se sabe ao qual é proibido ligar a palavra ainda. Ao lado do que ainda não se sabe e que se saberá talvez um dia, esconde-se com muita obstinação o que não se saberá jamais, o que jamais se poderá saber. Amanhã, não duvidemos, saberemos mais e mais sobre a Aids, sobre os buracos negros, sobre a origem da vida e dos homens, sobre o Universo, sobre o combate contra a morte, sobre tudo que se passa no espaço e no tempo. Não saberemos jamais nada a respeito do que acontece depois da morte, nem se realmente acontece alguma coisa, a respeito do que havia antes do Universo e sobre o que haverá depois, a respeito do que está fora do espaço, do que está fora do tempo.

Deus sabe tudo. Mas Daquele que tudo sabe não podemos saber nada, nem mesmo se Ele sabe tudo ou se há alguma coisa que Ele ainda não saiba. No espaço e no tempo, não há nada de impossível ao poder do espírito. Mas, fora do espaço e do tempo, existem limites ao seu saber.

Percebe-se a riqueza de um tema que se situa no próprio coração do movimento da ciência e do impulso dos espíritos em direção ao que continua oculto para eles. O que não se sabe é um ímã muito poderoso, uma tarefa infinita, uma das molas principais do desejo dos homens. Nos Encontros Filosóficos da Unesco tomaram parte alguns dos mais eminentes pesquisadores e sábios de diferentes regiões culturais do mundo. Como um prolongamento destes encontros, como um eco à questão posta aos candidatos ao bacharelado, como uma homenagem aos ciumentos, aos detetives, aos curiosos da ordem do mundo, aos amantes da verdade, *L'Express* interrogou universitários e intelectuais franceses a respeito do que os espera em seus domínios, do que não se sabe ainda e do que se saberá amanhã. Porque, longe de fornecer a ocasião para uma espécie de festa da ignorância, a pergunta "O que é que não se sabe?" fornece antes de tudo o cenário para uma celebração do saber.

■ *Jean D'Ormesson, 70 anos, jornalista, escritor, romancista, cronista e causeur francês de grande sucesso, é membro da Academia Francesa de Letras e sócio-correspondente, desde dezembro de 1982, da Academia Brasileira de Letras. Viveu no Rio, dos 11 aos 14 anos, entre 1936 e 1938, período em que seu pai, o marquês André D'Ormesson, foi embaixador da França no Brasil. Formado em filosofia pela École Normale Supérieure, especializou-se na obra do filósofo Spinoza. Entre seus livros, destacam-se "La Gloire de l'Empire" e "Au Revoir et Merci", livro de memórias, em que teceu um inventário de sua geração. De sua vida no Rio, levou recordações de uma cidade resplandecente e poucas palavras do português falado que chegou a falar.*